

CAMINHANTES-DEVOTOS: A CELEBRAÇÃO EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DAS DORES E OUTRAS SOCIABILIDADES [TERESINA-PI, ENTRE 1930 AOS ANOS 2000]

Francisca Márcia Costa de Souza¹

marciacostax@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa analisa a cultura religiosa da festa em louvor a Nossa Senhora das Dores, contemplando a intercessão entre cultura, práticas festivas e sociabilidades urbanas, em Teresina, capital do Piauí, entre 1930 aos anos 2000. Com o intuito de analisar as sociabilidades festivas religiosas, num cotidiano marcado pela mudança, pelas transformações do espaço urbano, portanto, analisa os modos de festejar, as atitudes e as manifestações de fé e de devoção dos caminhantes-devotos; o lugar da festa e dos ritos coletivos na vida cotidiana e as relações com os vários espaços da festa: casa e a rua, praça e igreja. É um trabalho de natureza histórico-antropológica, tanto na abordagem do objeto, quanto na metodologia utilizada. Assim, adotamos o caderno de campo, na tomada de notas, a observação participante e o fazer dos antropólogos, a etnografia. Além disso, usamos a metodologia de pesquisa interdisciplinar a História Oral – documento-monumento - que é a realização de entrevistas e registro da memória oral, gestual, sentimental e dos testemunhos. Ainda, nos debruçamos sobre o Diário Oficial e fontes hemerográficas, pesquisados no Arquivo Público do Estado do Piauí – Casa Anísio de Abreu.

PALAVRAS-CHAVE

Caminhante-devoto. Festa de Nossa Senhora das Dores. Religiosidade.

As lembranças que ouvimos de pessoas idosas têm assento nas pedras da cidade presentes em nossos afetos, de uma maneira bem mais entranhada do que podemos imaginar.²

¹ Mestrado em História do Brasil pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Especialização em História Sociocultural pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Docente Curso Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Técnico em Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - IFPI. Membro do grupo de pesquisa CNPq/UFPI “Memória, Ensino e Patrimônio Cultural”.

1 OS CAMINHANHANTES-DEVOTOS DE NOSSA SENHORA DAS DORES

O objeto desta investigação é a Festa em louvor a Nossa Senhora das Dores, que ocorre na cidade de Teresina, capital do Piauí, desde a segunda metade do século XIX. Até esta produção, não existiam estudos na historiografia piauiense sobre essa Festa, ou seja, um saber sistematizado acerca do seu contexto social, histórico e cultural. Além disso, é nosso intuito problematizar as sociabilidades e religiosidades entre 1930 aos anos 2000. Para dar conta desse recorte, recorreremos as fontes hemerográficas, as fontes orais e a bibliografia especializada.

O percurso de construção desta investigação não foi retilíneo, mas marcado pela sinuosidade e desencontro. Em muitos momentos, tivemos que inventar outros trajetos, construirmos barricadas e às vezes voltar ao ponto de partida; antes de tudo foi realizado através de pequenos ganhos e avanços em trabalhos diários, com diálogos com muitas fontes, em sentido *lato*, em diversos locais de pesquisa. Realizamos este trabalho com a sensibilidade do toque, do contato, um trabalho de tateamento, de estar perto, de sentir, de entrar em contato com o outro, considerando seus sentimentos, experiências, desejos e motivações religiosas.

Lembro-me bem das longas visitas que fiz às aldeias durante as primeiras semanas; do sentimento de desespero e desalento após inúmeras tentativas obstinadas, mas inúteis para tentar estabelecer contato real com os nativos e deles conseguir material para a minha pesquisa. Passei por fases de grande desânimo, quando então me entregava à leitura de um romance qualquer, exatamente como um homem que, numa crise de depressão e tédio tropical, se entrega à bebida (MALINOWSKI, 1978, p. 19).

Nesse sentido, para encontrarmos o *Outro* foi preciso ter com ele nos Arquivos pesquisados ou ainda perscrutar a literatura sobre o tema de estudo, passar horas conversando com os festeiros ou simplesmente observando seus gestos, farejar seus rastros e ritmos durante a Alvorada, por exemplo. Essa postura cuidadosa exige atenção aos detalhes, às minúcias, aos gestos, como também perscrutar os sintomas, deter sobre o indício mais ínfimo: os gestos mais discretos, os diferentes semblantes e olhares, os sabores, os cheiros, os leilões, as barracas de comidas da Festa na Praça Saraiva. “O que caracteriza esse saber é a

² BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 443.

capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente” (GINZBURG, 1989, p. 152). Além disso, farejar as pegadas, pois os caminhantes - devotos de Nossa Senhora das Dores apropriam-se da Festa à medida que seus ritmos, sabores e passos encontram os vários espaços e temporalidades da Celebração.

Nesse contexto, a metodologia da História Oral foi utilizada nesta pesquisa com vistas a estabelecer diálogo com os caminhantes-devotos. Essa metodologia consiste no registro dos depoimentos de pessoas que testemunharam ou sabem de ouvir dizer ou de ver imagens nas paredes das casas dos avós, imagens sobre a Festa de Nossa Senhora das Dores; sobram as sociabilidades, as mudanças e as permanências da Celebração na cidade de Teresina. As entrevistas produzidas com o uso da metodologia da história oral são tomadas como fontes para a compreensão das transformações, permanências da Festa, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registros, tendo em vista o uso das notas etnográficas, do trato etnográfico com as fontes hemerográficas no que diz respeito ao uso das pistas, dos sinais, detalhes, gestos.

As entrevistas foram gravadas em suporte de áudio e vídeo, foram realizados os roteiros previamente - geral e individual. No total, oito entrevistas foram produzidas: Senhor Cortês, Dona Alzira, Padre Amadeu, Senhora Ceíça, Senhor Castro, Padre Luís, Dona Odileia, Senhora Maria das Dores. As entrevistas são ocasiões em que o depoente puxa pela memória, que é o trabalho de seleção e de organização da memória. Nesse trabalho da memória não perdemos de vista os esquecimentos, os silêncios, as utopias, os sonhos, os devaneios e os desejos dos festeiros de Nossa Senhora das Dores. Esse empreendimento foi permeado por emendas, enganos e foi esboçado não apenas por palavras, como também pelo murmúrio, pela entonação da voz, pelo comportamento, pelo não-dito.

Para Certeau (1996), caminhantes são os praticantes, aqueles que com sua enunciação pedestre conhecem, exploram o bairro ou, no caso deste estudo, a festa da igreja, porque andam pela cidade e, assim, sabem distinguir os declives, as pedras, os cheiros; uma vez que estão nos lugares de devoção de algum modo. Além de caminhantes são também devotos de Nossa Senhora das Dores. Praticam a festa, tornado-a sua; celebração modificadora de atitudes sociais amplas e íntimas. A prática é o movimento que imprime às coisas e aos lugares o vento modificador da história.

Os caminhantes pressupõem um espaço, lugar praticado, ou seja, vivo, ele permeia a memória e a história das pessoas. Os caminhantes - devotos consomem cotidianamente a Igreja das Dores, a Praça Saraiva, as ruas do centro, os comércios, enfim, praticam aqueles

espaços e fazem deles a extensão de suas casas, pois são espaços de sociabilidades e convívios; esses caminhantes são vizinhos, conhecem e andam nas mesmas ruas, mas apropriam-se delas a sua maneira, assistem às missas e celebrações na Igreja das Dores. Para alguns caminhantes – devotos; esses espaços são praticados desde criança, portanto são lugares afetivos. Essas pessoas brincaram ou simplesmente passaram pela Praça Saraiva, fazem compras no mesmo mercado local. Os caminhantes, desse modo, têm em comum os espaços fortes, marcados por múltiplas investidas cotidianas, onde podemos encontrar traços de seus gostos e afetos.

Esse personagem do dia a dia estabelece relações de ajustamento de gestos e passos, ou seja, essas operações diárias, o caminhar possui uma destreza familiar, ao tempo em que à medida que caminha, cria espaços e trajetórias infinitas, o caminhante apropria-se das ruas, da Igreja das Dores, etc. Os espaços não permanecem os mesmos, por seu turno, uma das suas principais características é a mudança operada pela prática caminheira diária, o que pressupõe também vários investimentos em si e nos modos de apropriação. Os passos caminheiros, portanto, mantêm a vitalidade desses lugares. O caminhante - devoto é marcado por um lugar praticado, onde não há regulação da distância dos passos. O caminhante - devoto define uma comunidade religiosa urbana. Os fluxos do tempo e do espaço informam essa urbanidade da qual os caminheiros sabem que não podem escapar e que por outro lado fazem parte disso.

Dessa maneira, são caminhantes - devotos porque praticam aqueles espaços todos os dias e, ainda, esses consumos diários são informados pela religiosidade, pois esses lugares praticados se definem como a comunidade de Nossa Senhora das Dores. Haja vista que neste percurso de todo dia, encontra-se a Igreja de Nossa Senhora das Dores. A trajetória desses caminhantes - devotos é realizada por meio de preferências e adesões afetivas, fazendo da rua, ou seja, aquilo que está fora da casa, caminhos também íntimos, “mas antes a possibilidade oferecida a cada um de inscrever na cidade um sem-número de trajetórias cujo núcleo irredutível continua sempre a esfera do privado” (CERTEAU, 1996, p. 42).

2 FESTA E RELIGIOSIDADE

Na década de 1930, Dom Severino concentrou sua força na reconstrução da igreja matriz da diocese. Nessa ocasião, a Igreja de Nossa Senhora das Dores não havia passado por uma reforma profunda, desde que foi reparada pelos imigrantes da seca de 1877. Assim, segundo os apelos desse bispo direcionado aos fieis, as associações e as autoridades políticas, esse templo não estava a altura de ser matriz do bispado, uma vez que era uma igreja

acanhada, não causava deslumbre, era baixo e modesto internamente. Enfim, esse templo era simples e apresentava imperfeições, como as torres baixas. Assim, a pretensão de Dom Severino era reconstruí-la, alguns de seus apelos mencionaram a necessidade de se construir outro templo. Contudo, no final das contas houve uma grande campanha de arrecadação de fundo para torná-la a altura de sua significação religiosa.

A imagem logo abaixo da Igreja de Nossa Senhora das Dores é da década de 1930, localizada na Praça Saraiva; como pode ser notado, esse descampado tinha poucas árvores, dotada antes de vegetação rasteiras, ao contrário do será conhecida entre as décadas de 1970 e 1990, a saber, bosque do Saraiva. Mas, voltando à década de 1930, esse espaço público apresenta feições de abandono, uma vereda corta-a ao meio, e o interessante é que esse caminho demonstra um uso permanente, como também aponta para um fluxo considerável de consumidores desse espaço bem como da igreja das Dores, uma vez que essa entrada/vereda leva a Igreja das Dores.



Figura 1: Essa era a feição do segundo templo católico erguido em Teresina. A Igreja da Nossa Senhora das Dores possuía a mesma feição dos tempos de sua reconstrução na década de 1870, localizado na Praça Saraiva. À esquerda, Colégio Diocesano. Teresina, década de 1930. Fonte: Arquivo Público do Piauí.

Dessa maneira, Dom Severino iniciou uma campanha em benefício da igreja matriz da diocese, cujo objeto era a construção de um novo templo, uma vez que os reparos que teriam que fazer na modesta e acanhada matriz mobilizaria um investimento muito grande. Entretanto, o que ocorreu foi uma campanha dirigida e animada por Dom Severino, junto a comunidade, os fieis e ao governo para arrecadar recursos para esse empreendimento de interesse de todo o povo católico. Em 1930, Dom Severino dirigiu-se a todos os piauienses uma Carta Circular em que expôs os motivos que o levou à reconstrução da igreja de Nossa Senhora das Dores. O tom de sua carta foi marcado pela evocação a igreja como espaço de homenagens e lugar especial para o povo, no interior da qual oferecem suas preces e seus

sacrifícios divinos a Deus e aos outros seres santificados, portanto um lugar essencial para a realização do culto do povo católico, para tanto mencionou Salomão como um poderoso homem que levou a cabo a grandiosa missão de erguer com suntuosidade uma casa de Deus, considerada uma das maravilhas do mundo, o Templo de Salomão, no qual se ouviu dizer a palavra de Deus, lá onde se guardava a Lei de Deus.

A todos que esta nossa carta Circular virem paz e benção no Senhor. Deus cioso de sua majestade infinita e das homenagens que lhes são devidas, quando lhe aprouve ter na terra um lugar especial, onde o povo predileto lhe oferecesse os seus sacrificios e lhe dirigisse as suas preces, mostrou nisso tanto empenho que quis ser Ele mesmo o sapientíssimo arquiteto que traçasse os planos da obra grandiosa que havia de ser a sua casa. Salomão, o rei Sábio e poderoso, que a levou a efeito, fê-la com tanta magnificência e riqueza, que a História dela fala como a primeira maravilha do mundo. E era o templo de Salomão, uma figura apenas dos nossos templos, como na Lei antiga tudo era símbolo da Nova Lei! Lá Deus fazia apenas ouvir a sua voz, ou resplandecer Sua Majestade. Lá se guardavam as taboas da Lei as relíquias do maná do deserto. Em os nossos templos habitam realmente o mesmo Deus que se conserva sob as aparências das hóstias pequeninas para alimento de nossas almas. Mas quanta diferença entre um e outros! Será que Deus tenha perdido a sua grandeza e majestade? Não. É que ele quis tornar-se mais acessível aos pobres mortais, que se quis fazer homem e permanecer conosco para elevar-nos às magnificências de sua glória. A nós compete tanto quanto permitem a nossa pequenez e pobreza, dar à sua morada terrena senão magnificência e riqueza, ao menos decência que a torne menos indigna de sua infinita sublimidade (GOVERNO DIOCESANO. Carta Circular n. 19. Sobre as obras da Catedral. O Piauí. Teresina, 11/05/1930, p. 4).

Por esses motivos, Dom Severino conclamou a todos os piauienses para a imensa e sublime tarefa de reconstruir um templo digno para abrigar as obras do senhor, nesse caso os trabalhos seriam em benefício da grandeza da matriz da diocese, a igreja de Nossa Senhora das Dores, que por ser catedral, apresentava-se de maneira humilde, na realidade era a mais modesta dos templos erguidos até mesmo no interior do Piauí, quando deveria ser belo entre todas as matrizes, pois é a igreja mãe das demais igrejas de toda a Diocese, pois com a criação do bispado, a igreja das Dores passou a condição de primeira igreja de Teresina. Sendo assim, não era digno mantê-la sob a miséria em todos os aspectos, como o arquitetônico. Dom Severino, ressaltou que as obras atenderiam a Catedral da Diocese, e não a matriz da freguesia, o que, na realidade, é uma maneira de mobilizar não apenas os fieis dessa paróquia, sobretudo a todo povo piauiense, até dos longínquos territórios do Estado do Piauí, tendo em vista que os recursos são nulos e os auxílios de todos eram bem vindos.

As associações religiosas de leigos não somente da igreja catedral, com a do Amparo e de São Benedito, eram atuantes na cidade de Teresina, tanto na auxílio as obras beneficentes quanto estavam presentes nas festas religiosas. Assim, durante a campanha de arrecadação de

fundos para reconstrução da igreja de Nossa Senhora das Dores, aconteceu na catedral como também nas matrizes de Teresina, especialmente da matriz do Amparo e na igreja de São Benedito, a tradicional festa de Corpo de Deus. A igreja de Nossa Senhora das Dores era um espaço de muitos encontros religiosos, especialmente as associações pias se reúnem nesse templo.

Enquanto as obras da “antiga matriz” não haviam começado, além da reunião dos vicentinos, a procissão e a festa do Corpo de Deus também ocorreram na igreja diocesana. Essa tradicional festa há muitos anos é festa com toda solenidade pela igreja católica. Nessa ocasião a catedral de Nossa Senhora das Dores, a matriz de São Benedito e a igreja de Nossa Senhora do Amparo estabelecem um diálogo de fé e cumplicidade, pois essa festa ocorre nos referidos templos, de algum modo, como teremos oportunidade de conhecer, a festa acontece nessas matrizes. A festa do Corpo de Deus atinge seu ápice com a procissão com o Santíssimo Sacramento. Os organizadores desse evento religioso convidavam a todos os teresinenses; as autoridades governamentais, civis e militares da cidade de Teresina; as associações piedosas; o corpo de professores, como também os alunos dos estabelecimentos de educação, especialmente as escolas confessionais e aquelas de explícita orientação da igreja católica.

Em obediência à prescrição do Sagrado Direito Canônico, como se tem feito, cada ano, haverá, também neste, a 19 do corrente, a Procissão com o Santíssimo Sacramento, na sua festa, chamada de Corpus Christi. Sempre, nesta católica cidade, tem sido efetuada com muita solenidade e, paz a Deus, tenha a do presente ano igual, senão maior esplendor. Para isso, são renovados os convites ao Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado e demais Autoridades, federais, estaduais e municipais, ao egrégio Tribunal de Justiça, ao distinto corpo de magistrados, às patentes militares das forças do exército e da polícia, a todas as associações piedosas, aos corpos docentes e discentes de todos os estabelecimentos de ensino público e participar e aos fies em geral (GOVERNO DIOCESANO. Circular n. 22. O Piauí. Teresina, 10/06/1930, p. 3).

A procissão com Santíssimo Sacramento partia da igreja catedral e seguiu pela Rua Simplício Mendes, em seguida alcança a Rua Senador Pacheco e sobre até a igreja de São Benedito. Nessa matriz é dada a primeira bênção da procissão. Após esse ato, a procissão sai dessa igreja e chega a Rua Álvaro Mendes até a Rua Barroso, de onde prosseguirá até Rui Barbosa ao ponto de alcançar a Rua da Glória [hoje Lisandro Nogueira], em seguida atinge novamente a Rua Rui Barbosa, ponto esse onde se localiza a igreja do Amparo, de onde, assim, como na igreja de São Benedito, será dada outra bênção. Através da Rua Rui Barbosa a procissão segue até a igreja matriz de Nossa Senhora das Dores. Nesse momento, é dada a terceira e última bênção.

A procissão do Santíssimo Sacramento tem seus lugares marcados, ou melhor, cada um de seus componentes seguiram dentro de uma ordem, expressa anteriormente pelas associações organizadora dessa celebração. Assim, a procissão era marcada por lugares sociais, com o intuito de fortalecer as classes representadas e, portanto o apoio às causas da Igreja, como também tinham o objetivo de manter a ordem e a organização desse evento católico, na verdade as procissões eram perigosas, pois podiam desencadear tumultos, uma vez que a população em geral estava nas ruas.

A procissão do Corpo de Deus deu início na igreja das Dores, seguiu até a matriz de São Benedito, pelas principais ruas do centro de Teresina chegou a igreja de Nossa Senhora do Amparo, de onde partiram em direção novamente a igreja das Dores, pelas ruas Rui Barbosa e Álvaro Mendes, seguiram por esta até encontrar o cruzamento da Rua Simplício Mendes. Essa festa religiosa foi acompanhada pela banda de música da Polícia Militar e foi bastante prestigiada, pois as autoridades políticas e militares compareceram a festa, além deles, os alunos das escolas privadas e públicas e o povo foi em grande número.

Com fora anunciado, realizou-se ante-ontem a procissão do Corpo de Deus, comparecendo os srs. Governador do Estado, Intendente da capital, comandantes e oficiais do 25 B. C. e da Força Militar, magistrados deputados, conselheiros, chefes de repartições e funcionários federais, estaduais e municipais, alunos dos estabelecimentos públicos e particulares, associações, Tiro 79 e praças do Exército e da Polícia e grande massa popular. A procissão saiu da igreja das Dores dirigindo-se à de S. Benedito pelas ruas Simplício Mendes, Teodoro Pacheco e Avenida Antonino Freire. De S. Benedito foi à igreja do Amparo pela Rua Álvaro Mendes e ruas Simplício Mendes, Lisandro Nogueira e Rui Barbosa, recolhendo à Catedral, pelas ruas Rui Barbosa e Álvaro Mendes e Simplício Mendes. Executaram lindas marchas durante a procissão as bandas de música do 25 B. C. e da Força Militar do Estado (A PROCISSÃO DA QUINTA-FEIRA. O Piauí. Teresina, 21/06/1930, p. 4).

A cumplicidade entre os primeiros templos católicos, localizados no centro de Teresina não pararam somente nas ocasiões da festa do Santíssimo Sacramento. As principais celebrações da Igreja Católica, especialmente os quaresmais eram organizadas de modo que contemplassem os referidos templos. A Semana Santa era celebrada tendo em vista a participação dos fieis nessas matrizes, ao observarmos os horários das missas, das confissões por exemplos, o calendário foi distribuído entre essas matrizes, de modo que contemplasse a todas sem distinção. Na matriz do Amparo, era celebrado o rito da semana santa, nessas ocasiões a missa aconteceu as 08h da manhã, procissão dos enfermos na Terceira-feira da Paixão, após a missa, na sexta-feira também ocorreu uma missa as 08h da manhã e as 04h30 foi realizada a procissão do Senhor Morto. No domingo da ressurreição, as confissões

ocorreram nas matrizes do Amparo, das Dores e de São Benedito. E a adoração ao Santíssimo Sacramento ficou por conta das associações religiosas das respectivas matrizes. Assim, embora os atos da semana santa ocorressem especialmente na matriz do Amparo, a igreja das Dores e de São Benedito não eram preteridas, pois também foram representadas por suas associações religiosas no momento da adoração ao Santíssimo Sacramento, na realidade o intercâmbio entre essas matrizes ocorriam por meio da circulação dessas associações religiosas entre uma e outra igreja.

Os atos da Semana Santa, este ano, serão celebrados na Matriz do Amparo, com a mesma pompa dos anos anteriores [...]. Adoração do S. S. Sacramento, no Santo Sepulcro, de 5ª até 6ª feira-santa – das 10 às 11, Apostolado da Oração, das Dores, das 11 às 12, Apostolado da Oração de São Benedito, das 12 às 1, Apostolado da Oração, do Amparo, de 1 às 2, Seminário Diocesano, de 2 às 3, Filhas de Maria do Colégio do Sagrado Coração de Jesus, de 3 as 4, Colégio das Irmãs, de Santa Catarina, das 4 às 5, Filhas de Maria, das Dores, das 5 às 6, Colégio Municipal de S. Francisco, de 6 às 7, Irmandade de N. Senhora do Carmo, de 7 às 8 Associação de São Geraldo, de 8 às 9, Associação de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, das 0 às 6 da manhã de sexta-feira, Vicentinos, de Teresina. Agradecidos aos ilustres Médicos Drs. Freire de Andrade e Benjamin Batista, pelo interesse que tomaram no tratamento. A todos a nossa gratidão (SEMANA SANTA. Diário Oficial. Teresina, 26/03/1931, p. 7).

Assim, a celebração da Semana Santa, a festa de Corpus Christi e os festejos de santos padroeiros; como Nossa Senhora do Amparo, Nossa Senhora das Dores, São Benedito, São Raimundo, Santa Teresinha, Nossa Senhora de Lurdes, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro eram celebrações bastante conhecidas e prestigiadas em Teresina. As procissões eram momentos de extravasamento dessas festas. Eram cortejos solenes, que percorriam as principais ruas de Teresina, com música, hinos e velas acesas.

A presença das associações piedosas é marcante nesses festejos que aconteceram entre os anos de 1930 a 1960. Elas eram as principais articuladoras da festa de Nossa Senhora das Dores³, realizada na matriz diocesana. Durante a campanha de arrecadação de fundos para a nova matriz do bispado, a paróquia de Nossa Senhora das Dores não deixou de celebrar a sua

³No Brasil, Nossa Senhora tem muitas imagens e a festa em seu louvor ocorre em todo esse território. Assim como as imagens apresentam-se distintas, os dias de festejos também variam. Antes de ser venerada como Nossa Senhora das Dores, as festas em honra a Mãe de Deus eram celebradas em louvor a Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora da Compaixão. Em 1233, sete mercadores da classe média emergente de Florença, Itália, devotos de Nossa Senhora, pertenciam a uma confraria chamada Associação-mor de Santa Maria. Estes mesmos homens fundaram a Ordem dos Servos de Maria e por iniciativa deles, em 1239 foi promulgado e incluído na Liturgia, pelo papa Bento XIII, no século XVIII, o dia 15 de setembro como dia de Nossa Senhora das Dores. A veneração de Maria como Senhora das Dores se deve às dores que ela sofreu durante sua vida terrena. A devoção a Nossa Senhora das Dores possui fundamentação bíblica, pois é na Palavra de Deus que encontramos as sete dores de Maria: o velho Simeão que profetiza a lança que transpassaria (de dor) o seu coração; a fuga para o Egito; a perda do menino Jesus no templo; a paixão de Jesus; a crucifixão e morte e o sepultamento de Jesus Cristo. Cf-<<http://www.nossasenhordasdores.org.br/HistNossaDores.aspx>> Acesso em 27/5/2012.

augusta padroeira. No dia 6 de setembro teve início o novenário em honra de Nossa Senhora das Dores. As solenidades transcorreram até o dia 15 desse mesmo mês como de costume. O brilho e o sucesso das noites de novenário ficaram sob a responsabilidade das associações religiosas, como o Apostolado da Oração, as Filhas de Maria e a Confraria de Nossa Senhora do Carmo, todas elas da catedral. Entretanto, as associações religiosas não foram às únicas a participarem dessa festa. As escolas públicas de Teresina também fizeram parte desse festejo, como também a Escola Normal [Antonino Freire]. Elas foram representadas por uma comissão de professoras. Os comerciantes, a Polícia do Estado e a Colônia Síria. Os comerciantes eram colaboradores da festa de Nossa Senhora das Dores, notadamente aqueles nas imediações dessa catedral. Além disso, a Polícia do Estado, também esteve presente, de modo que contribuiu com o prestígio dessa classe para abrilhantar esse festejo. A Colônia Síria, assim como os representantes da 4ª noite de festejos, a saber, Comércio de Teresina, praticamente tinha os mesmos representantes, pois os Tajra e Cury eram membros da colônia, como também se destacaram no comércio dos mais variados em Teresina.

Dessa maneira, cada associação ou classe que estavam encarregadas de determinado dia de festejo, tinha a responsabilidade de zelar como podiam para que na sua noite nada faltasse em termos de preparação da liturgia, a organização da igreja, etc. O 15 de setembro era o dia de festa mais denso, pois era considerado o dia de Nossa Senhora das Dores. Inclusive, o dia de Nossa Senhora das Dores era feriado municipal. “No dia da festa, 15, quinta-feira última, que foi feriado municipal, por ser consagrada a Nossa Senhora das Dores. Padroeira da Diocese de Teresina – foi celebrada solene Missa cantada, com assistência pontifical e sermão” (FESTA DE NOSSA SENHORA DAS DORES. *O Dominical*. Teresina, 18/09/1949, p. 1). Nesse sentido, o novenário era o preparatório para o grande dia em que eram lembradas as dores de Nossa Senhora. Embora, não seja mencionado no programa festivo da catedral os detalhes desse último dia de festa, mas se formos levar em consideração como ocorria esse dia de festa de Nossa Senhora do Amparo, na matriz de mesma denominação, o dia começava com uma missa cantada e à tarde era realizada uma grande procissão. Desse modo, conforme podemos comparar com a festa de Nossa Senhora do Amparo que ocorreu no mesmo ano e estava sob a mesma influência e diretriz religiosa, uma vez que, como já foi esclarecido anteriormente, havia intercâmbios entre as igrejas do Amparo, das Dores e de São Benedito: “Festa do Amparo. Haverá hoje na igreja de N. S. do Amparo, missa cantada às 8 horas e a tarde procissão” (FESTA DO AMPARO. *O Piauí*. Teresina, 31/05/1930, p. 4).

Por ser considerado um dia especial no interior de toda a programação da festa, nessa ocasião sugia a figura do juiz. O juiz era um personagem importante da festa. Esse personagem era figura de destaque; fazia as honras dessa última noite de celebração.

Geralmente, era uma pessoa de renome da sociedade teresinense ou de relevante influência religiosa. Além disso, contribuía com o prestígio de sua presença para o festejo e muitas vezes fazia generosas doações as barracas e arrematava muitas joias dos leilões. O juiz o que era um atrativo a mais da festa, porém, nessa festa de Nossa Senhora das Dores, havia quatro juizes, o primeiro deles era o Coronel Vitalino Freire e Andrade, e outros três eram conferencistas de São Vicente de Paula, a saber, das três matrizes.

Sendo assim, as associações religiosas estavam a frente de alguns dias de festa, bem como as classes de comerciantes, de professores, de empregados públicos. Além disso, os juizes eram ilustres personagens de notável reconhecimento social, político e ou religioso, que no último dia de festejo prestigiavam a festa. A festa acontecia à noite, como pode ser apreciado no programa da referida celebração, provavelmente no dia 15, a festa aconteceu durante todo o dia, ao iniciar com um missa e no final da tarde aconteceu uma procissão, conforme podemos comparar com a festa de Nossa Senhora do Amparo.

No programa festivo de Nossa Senhora das Dores estavam identificados os grupos sociais que congregavam esse festejo, não por conta apenas dos dias de festa, mas, sobretudo, por se tratar das classes que compunham aquela comunidade, uma paróquia não composta necessariamente por moradores, mas também, por uma comunidade de interesse era destacada: os comerciantes, os professores, empregados públicos, autoridades da segurança pública. Esses participantes encarregavam-se de cada noite do festejo, eles assumiam essa responsabilidade por conta da sugestão da Igreja, quer dizer, do paróco e das associações religiosas, que imputava essas presenças na festa. Não que eles fossem totalmente alheios ao que passava nessa matriz ou que desconhecesse a importância desse festejo para os paroquianos e até mesmo para a diocese, porém eles estavam naquele determinado dia de festa porque certamente interessa a Igreja esse apoio, eram, portanto, autorizados por ela.

Todavia, essa participação estava submetida ao aval da Diocese, não era apenas vontade motivada pela afetividade ou devoção provocadas por aqueles dias de celebração, mas em se tratando das classes presentes na organização dessa festa, eles estavam autorizados a fazerem a festa. Mas não era qualquer um que podia participar, ou honrar de qualquer modo o seu santo de devoção, isso foi deixado bem claro pelas constantes proibições da diocese dos cultos, das procissões, das novenas e das missas realizadas pela iniciativa popular, especialmente quando diziam respeito aos festivos novenários e as alegres procissões, geralmente realizados na

periferia de Teresina, ou seja, foram do âmbito da diocese, isto é, afeita ao catolicismo popular, de feição alegre, lúdica e devocional. Já a festa de ordem diocesana, faziam parte diretamente, conforme pode ser constada pelos alguns programas de dias de festejos analisados: a catedral, a matriz do Amparo, a igreja de São Benedito e até mesmo a igreja de Nossa Senhora de Lourdes, que fazia parte da paróquia de Nossa Senhora das Dores.

As festas religiosas para honrar santo, pagar promessa deveriam acontecer sob o olhar das autoridades da igreja, caso contrário, elas eram vistas como profanações do culto religioso, porque essas celebrações eram embaladas por sambas, batuques e bebidas, consideradas perniciosas e desviantes das devidas finalidades dos festejos religiosos. Os leilões e as esmolas eram momentos propícios para enganar o povo. Além das ofensas e arrecadação sindevidas, os festeiros estavam sujeitos aos outros crimes. Assim, para a boa ordem e moralidades desses eventos a polícia era alertada.

Ao Revmo. Clero e fieis desta Diocese paz e bênçãos e N. S. J. Cristo. Com manifesto desprezo às constantes proibições da autoridade diocesana, continuam, principalmente nos arredores desta cidade, as chamadas novenas em que, sob o pretexto de honrar qualquer santo, ou de promessas, fazem-se solenidades religiosas de culto público, inclusive procissões sem assistência de Sacerdotes e não obstante as advertências e avisos em contrário, dados pelos Revmos. Vigários. Tais solenidades constituem verdadeira profanação do culto religioso, e longe de servir a Deus ou honrar os seus santos, são-lhes grandemente ofensivas, não só por estarem em oposição às leis gerias da Igreja e contrárias às prescrições da autoridade diocesana, a quem compete regularizar todo o exercício do culto externo, como também por constituírem um flagrante atentado contra a moralidade e a boa ordem. A par da exploração sagaz da boa fé dos simples em leilões e esmolas, em grande parte reverentes em proveito pessoal do festeiro, estão os batuques, sambas e bebedeiras, em que se aplica a outra parte da arrecadação, e daí as ofensas por vezes graves, á moral, e outros crimes que frequentemente se praticam. Por estas razões, mais uma vez declaramos terminantemente proibidas tais novenas e festa e pedimos, para cabal efeito desta nossa proibição, o eficaz concurso das autoridades policiais, nesta cidade e em toda a Diocese, firmados nos motivos expostos e no Acordam do Supremo Tribunal Federal, que em seguida transcrevemos. Recomendamos encarecidamente aos Revmos. Vigários que por sua vez igualmente recorram às referidas autoridades quando isto lhes parecer preciso. Teresina, 30 de Novembro de 1930. Severino – Bispo do Piauí (AVISOS. Governo Diocesano. Carta Circular n. 24.O Piauí. Teresina, 03/12/1930, p. 6).

E as paróquias eram recomendadas que fizessem o mesmo, chamassem as autoridades policiais para combater essas manifestações religiosas do povo. Um caso curioso foi anexado as prescrições da autoridade eclesiástica do Piauí, que dizia respeito as festas religiosas do povo. Em 1916, os pacientes Domingos José Rodrigues e outros devotos de S. Sebastião, entraram na justiça para terem o direito de fazer uma procissão em cumprimento da promessa feita aquele Santo e que não puderam realizar devido a proibição do Chefe de Polícia, a

mando das autoridades eclesiásticas. A decisão desses devotos estava amparada na Constituição, na qual garantia a livre manifestação de culto, embora, fossem velada os casos em que ferissem a ordem e a moral públicas, porém como se tratava de uma procissão com a imagem benta na Igreja Católica e fora dos ritos desta Igreja e, ainda, proibida pela autoridade religiosa, com as queixas feitas a polícia, foi considerada desrespeitosa, mesmo que houvessem a garantia de liberdade de culto e o livre exercício de cada confissão religiosa consagrados pela Constituição.

Acordam unânime do Col. Supremo Tribunal sobre festas religiosa em proibição da Autoridade Eclesiástica. N. 3925 – Vistos, relatados e discutidos de habeas-corpus, interposto do despacho das fls 15 e seguintes pelo qual o juiz da ação da 1ª Vara desta capital, negou a ordem impetrada pelo Dr. Octacílio de Carvalho Câmara em favor dos pacientes Domingos José Rodrigues e outros devotos de S. Sebastião, para que possam levar a efeito em Bangú, uma procissão que em cumprimento de promessa feita aquele Santo não poderam realizar por proibição do Chefe de Polícia, à requisição da Autoridade Eclesiástica, que a dita procissão também se opuseram como tudo consta dos autos e considerando que os fundamentos de direito e de fato da decisão recorrida, procedem; Considerando que o livre exercício do culto garantido pela Constituição, art. 72, § 3º, tem seu limite na lei, quer quando prove interesse social, ou necessidade de ordem pública – quer quanto garantia devida a cada confissão religiosa; considerando que como no caso, permitir a procissão de uma imagem benta na Igreja Católica fora dos ritos desta Igreja e contra a proibição da autoridade religiosa respectiva e com os reclamos desta perante a polícia, fora desrespeito e vilipêndio à garantia do livre exercício de cada confissão religiosa nos termos de sua liberdade consagrada pela Constituição. O Supremo Tribunal Federal nega provimento ao recurso interposto para confirmar a decisão recorrida, pagas as custas pelo recorrente. Supremo Tribunal Federal, 18 de abril de 1916. H. Espírito Santo, P. J. L. Coelho e Campos, Relator – Viveiros de Castro – Marins Cavalcanti – Oliveira Ribeiro – Guimarães Natal – Pedro Lessa – Canuto Saraiva – G. Cunha Leoni Ramos- Enéas Galvão – Pedro Mibileli – Sebastião Lacerda (AVISOS. Governo Diocesano. Carta Circular n. 24.O Piauí. Teresina, 03/12/1930, p. 6).

Dessa forma, a festa de Nossa Senhora das Dores é problematizada a partir do diálogo com essas festas denominadas de diocesanas, com a intenção de alargar o discurso sobre as festas religiosas em Teresina, a partir dos anos de 1930 aos dias de hoje. Entre os anos de 1932 e 1934, os anúncios da programação da festa de Nossa Senhora das Dores não foram publicados no Diário Oficial, como vinham sendo anunciados ano após ano; provavelmente esse festejo deixou de ser realizado em virtude da reforma que finalmente iniciou naquele templo, o que mobilizou enormemente a população em prol de dessa matriz. Todavia, com essa reconstrução outras celebrações deixaram de acontecer. A cerimônia dos crismandos da paróquia de Nossa Senhora das Dores, por ocasião das obras da capela mor, aconteceu na

igreja de São Benedito, após a missa das 7h horas, mas apenas aos domingos e dias de santos, e isso perdurou até a conclusão das obras.

O Exmo. e Revmo. Bispo Diocesano faz saber aos interessados que, estando em obras da capela mor de igreja Catedral, crismará, aos Domingos e dias santificados, na Matriz de S. Benedito, imediatamente após a Missa de 7 horas, enquanto durarem os trabalhos. Secretária do Bispado do Piauí, 25 de Janeiro de 1933. Pe. Israel G. de Souza. Secretário do Bispado (AVISOS. Governo Diocesano. Aviso n. 63. Diário Oficial. Teresina, 27/01/1933, p. 9).

Essas celebrações compõem um complexo universo de significados e sentidos que elas agrupam e inventam, possibilitando, ainda, refletir sobre os desdobramentos dessas outras festas religiosas da cidade de Teresina sobre a da paróquia de Nossa Senhora das Dores, isto é, por meio das festas realizadas por homens e mulheres que se inseriram no determinado contexto cultural, sem perder de vista o espaço e o tempo em que aconteceram. Com isso, há o interesse pela diferença e a especificidade dessa festa com também as suas semelhanças com as outras festas diocesanas. Esse diálogo favorece o intercâmbio de experiências, espaços, sujeitos e, sobretudo, potencializa o discurso sobre essas celebrações em atuantes as associações pias dos colégios confessionais, com as Filhas de Maria do Colégio Sagrado Coração de Jesus.

Precedida de um novenário, deverá realizar-se, a 15 do mês próximo a festa de Nossa Senhora das Dores, na Catedral. Orago da Paróquia e da Padroeira da Diocese, a Virgem das Dores a todos nos envolve na sua benemerencié maternal. Sob benefício infindo da Mater Dolorosa a que se explica a prosperidade crescente do Estado, a paz que é o nosso apanágio e o bem estar omni/mo de que gozamos. Assim agraciados, a nós se nos impõe o imperioso dever de celebrar os louvores e elevar condignas homenagens à tão insigne protetora. Não é outro, pois o fim da festividade que alviçareiramente vimos comunicar-vos e para que maior seja o esplendor dos atos ficam assim – data venia- distribuídasas várias noites de solenidades: 1ª noite [dia 6] – Apostolado da Oração – das Dores, do Amparo e S. Benedito, representados pelas respectivas diretorias; 2ª noite – Ordem Terceira de S. Francisco; 3ª noite – Operários da Fiação e Usina Elétrica – representados pelos Srs. Chefes de secções; 4ª noite – Artistas – representados pela distinta diretoria da Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí; 5ª noite – Funcionários dos Correios e Telégrafos, Comissão, Senhoritas Mundica Oliveiras, Diana Nogueira e Ilustres cavalheiros Pedro Cunha, Nereu Bastos e Manoel Monteiro; 6ª noite – Colégio do Sagrado Coração de Jesus – Escolas Normais – Liceu Piauiense e Ginásio “S. Francisco Se Sales”, representados por suas ilustres diretorias; 7ª noite – Filhas de Maria das Dores e do Colégio “Sagrado Coração de Jesus”, também representados por suas diretorias; 8ª noite – Comércio – representados pelos Srs. Dr. Cícero Ferraz e Coroneis J. Carvalho – J. de Castro Lima – Justino Ramos – Cícero Carvalho – J. Elias Tajra e Isaías Almeida; 9ª noite – Revmos. Sacerdotes desta cidade (FESTA DE NOSSA SENHORA DAS DORES. Diário Oficial. Teresina, 04/09/1935, p. 11).

Contudo, a festa de nossa senhora das Dores realizada em 1935 teve um motivo a mais para ser celebrada, pois o referido templo acabara de ser remodelado por Dom Severino. Essa intervenção arquitetônica foi a primeira a ser feita nesse prédio, depois que ele fora reconstruído na década de 1870. A catedral, conforme Dom Severino, era um edifício baixo, acanhado; inferior a muitos templos do interior do estado, sem torres.

Os festejos de Nossa Senhora das Dores era uma das maiores expressões religiosas dessa cidade, notadamente por ser esse santo o orago da paróquia e padroeira da diocese, portanto, de todos os teresinenses. Em 1941, o Padre Joaquim Nonato conclamou a todos para as festividades em louvor a Nossa senhora das Dores, haja vista que “o festejo da Virgem das Dores que sempre transcorreu brilhantemente em nosso meio constitui, ao mesmo tempo, uma das maiores expressões religiosas da cidade por motivo da significação litúrgica da solenidade” (FESTA DE NOSSA SENHORA DAS DORES. *Diário Oficial* Teresina, 04/09/1941, p. 3). Por outro lado, revelava suas angústias e insatisfação quanto “este ano, sobretudo, em que perspectivas cheias de incertezas se nos antolham – muito importante que todos, num sentimento uníssono de confiança filial, nos acerquemos da pessoa amada e altamente santa da Virgem das Dores” (FESTA DE NOSSA SENHORA DAS DORES. *Diário Oficial* Teresina, 04/09/1941, p. 3). O dia se iniciava com missa às sete e meia e encerrava-se com a procissão, que tinha seu começo às dezessete e meia.

Está sendo realizada, com grande esplendor, a festa anual de N. S. das Dores. A mais importante e significativa da Paróquia e da Diocese, por se tratar da padroeira de ambas. Os atos religiosos finais serão celebrados a 15 do corrente, com a missa solene às 7 ¹/₂ [sete e meia], e a grande procissão às 17 ¹/₂ [dezessete e meia]. O Vigário das Dores, por nosso intermédio, convida as autoridades civis e militares, como o povo em geral, para assistir àquele ato (FESTA DE NOSSA SENHORA DAS DORES. *Diário Oficial*. Teresina, 04/09/1941, p. 3).

O dia 15 era marcado com grandes solenidades litúrgicas na igreja das Dores, na Praça Saraiva e pelas ruas de Teresina, por meio da procissão “como era de costume” (FESTA DE NOSSA SENHORA DAS DORES. *Diário Oficial*. Teresina, 04/09/1941, p. 3). A festa, como de costume, contou com amplo apoio da sociedade teresinense; os Apostolados da Oração da matriz de São Bendito, da igreja do Amparo, e da matriz de Nossa Senhora das Dores, da Santa Casa e do Colégio Sagrado Coração de Jesus, essa comissão organizou o primeiro dia de festa. Para a segunda noite de festividades, as Filhas de Maria da igreja das Dores e o Colégio do Sagrado Coração de Jesus assumiram os preparativos das quermesses e leilões.

Neste ano, houve apenas um leilão, a saber, no dia 14, véspera da festa. A festa de Nossa Senhora contou, ainda, para a terceira noite, com os préstimos da Ordem Terceira de São Francisco. Tendo, para o dia seguinte, o apoio do Colégio Diocesano.

3 SANTOS E DEVOTOS

Para dar conta da religiosidade presente no período analisado, empreendemos um estudo sobre os anúncios de graças alcançadas publicados no jornal *O Dominical*, entre 1940 e 1970, no estado do Piauí, região Nordeste do Brasil. Os anúncios de graças são entendidos como ex-votos, que, por sua vez, são pistas para compreender a forma de viver e experienciar a religiosidade, ao tempo em que descortinamos os medos, as esperanças, as angústias do dia a dia e as visões de mundo de homens e mulheres de fé. Como também, compreender as experiências religiosas desses sujeitos que publicaram no jornal sua graça atendida, entender as práticas que atravessaram a sua relação com o sagrado, no contexto das vivências religiosas do catolicismo. Esses pedidos revelaram práticas religiosas íntimas e cotidianas que marcaram a relação entre os devotos piauienses e os santos considerados milagrosos.

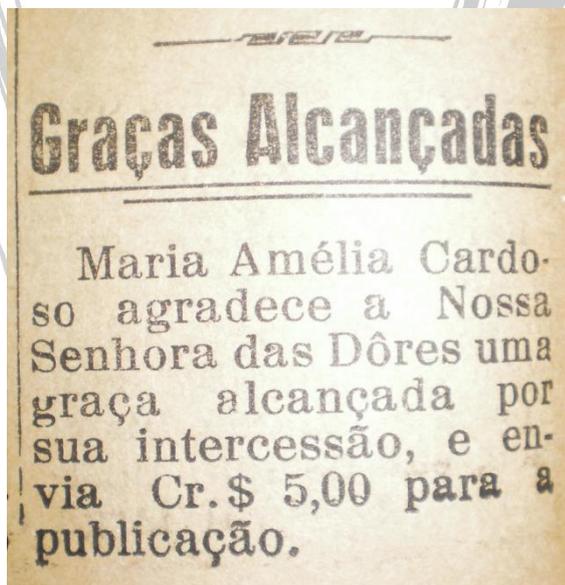


Figura 2: Esse anúncio é especial, pois evidencia a devoção à Nossa Senhora das Dores. Graça alcançada publicada no Jornal *O Dominical*. Teresina - PI, 22/03/1948.

Quanto aos anúncios, eles estão dispostos em espaços os mais diversos possíveis no corpo do jornal, portanto, não têm um espaço definido ou próprio. Apresenta, muitas vezes, mesma forma quanto à largura e altura, composição e disposição do texto. Geralmente, eles

apareciam entre as páginas dois e quatro, a quantidade por página variava muito, houve casos em que mais de dez foram registrados em apenas uma página.

Os anúncios apresentavam caráter reservado, pois eles não tinham estrutura chamativa ou adereços que o destacassem, o que pode contradizer com a intenção do devoto de tornar pública/visível a graça. Os textos dos anúncios e a sua estrutura são simples e econômicos, muitas vezes repetitivos, pelos menos aparentemente. Os pequenos textos traziam, em geral, o agraciado, a graça alcançada, o santo ou santos milagreiros, aquele que pediu a graça e a quantia ofertada para a sua publicação.

No que diz respeito aos ex-votos, os anúncios de graças alcançadas publicados no jornal *O Dominical* foram recorrentes formas de agradecer e homenagear os santos de devoções dos piauienses. Eles tinham como promessa anunciar as graças alcançadas. Por que publicar a graça alcançada? É um testemunho público da graça. É um enaltecimento do santo intercessor. Essa divulgação, muitas vezes, é a contrapartida do devoto. Eles são testemunhos da comunicação com o sagrado, pois foram agraciados por essas divindades. Para os devotos, isso é uma diferenciação muito honrosa.

Os anúncios publicados eram a contrapartida do fiel. “Por fim, em sua própria vocação para testemunhar, o ex-voto exprime a presença do sagrado e do milagre na vida cotidiana, ou seja, certa leitura da relação do homem com Deus” (VOVELLE, 1997, p. 117). Além disso, o beneficiário e o indivíduo que pediu a intercessão também são alvo dessa visibilidade social, pois sobre eles recaíram a graça divina, tornando-os potencialmente distintos das demais pessoas, atesta antes o caráter religioso desses indivíduos, o estado religioso dessas pessoas que receberam a graça é diferente daquele que não teve um pedido atendido. A publicação da graça, dessa forma, exprime a mudança do estado de graça.

Dessa maneira, além da publicação, o devoto também fazia uma novena, rezava um rosário, fazia outras penitências. Dona Josefa se valeu de três santos, provavelmente, para três dificuldades que passara ou podendo ser, também, para três familiares.

Graças alcançadas. Josefa Macêdo agradece a Nossa Senhora Auxiliadora, a Santo Expedido e a São Francisco das Chagas três graças, que alcançou respectivamente pela sua intercessão. Envia Cr\$ 6,00 (GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 31/10/1948, p. 4).

Ao invés disso, podiam-se fazer pedidos de intercessão a dois ou três santos diferentes para um único mal:

Graças alcançadas. Dalila Rosa de Lima, achando-se gravemente doente recorreu a São Geraldo e a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. E foi atendida e em cumprimento de sua promessa, pede para publicação de Graça Alcançada, enviando Cr\$10,00 (GRAÇAS ALCANÇADAS. Jornal O Dominical. Teresina, 09/01/1948, p. 4).

Entretanto, além da quantia enviada para publicar o anúncio no jornal, não raro se destinava uma quantia para igrejas e capelas, benefício que se estendia a Igreja:

Angélica Dourado Bandeira, agradece a Nossa Senhora das Graças, uma graça alcançada por sua intercessão. Envia Cr\$40, 00 para a Capela das Irmãs Missionárias e Cr\$10, 00 para publicação. Teresina (GRAÇAS ALCANÇADAS. Jornal O Dominical. Teresina, 07/09/1949, p. 4).

Por outro lado, os pedidos aos santos protetores, como já dissemos anteriormente, eram relacionados aos problemas do dia a dia. Assim, o caso de Raimunda Carvalho Borges nos dá pistas sobre essa relação entre santos e devotos. Esse anúncio é interessante porque envolve não apenas os santos oficiais, mas aqueles considerados afetivamente e não canônicos. Nesse caso, ela agradeceu ao Nosso Senhor a graça alcançada pela intercessão de um padre e um frei. Além disso, no anúncio são descritos o rito para alcançar a graça pedida: o anúncio da graça atendida e a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Raimunda Carvalho Borges, terceira franciscana, agradece a N. Senhor uma graça alcançada por intercessão da alma de Frei Marcelino e de Padre Pró, em favor de seu filho Ciro, com promessa de publicar. Envia Cr\$2,00. A mesma terceira franciscana agradece a Nossa Senhora uma graça alcançada com as novenas de N. S. do Perpétuo Socorro. Envia Cr\$2,00. A mesma agradece ao Menino Jesus uma graça alcançada em favor de seus filhos, por intercessão de São Benedito. Envia Cr\$2,00. (GRAÇAS ALCANÇADAS. Jornal O Dominical. Teresina, 10/04/1949, p. 4).

Além disso, a repetição de orações e preces é uma prática religiosa cotidiana que compõe o ritual privado de se relacionar com Deus e as divindades. Muitos devotos se valem delas para evocarem o sagrado, principalmente, quando se encontram em ambiente da casa.

Silvano Torres agradece a N. S. das Graças essa grande graça alcançada pela recitação da jaculatória: “Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós, que recorremos a Vós. Envia Cr\$5,00 para a publicação. Teresina.” (GRAÇAS ALCANÇADAS. Jornal O Dominical. Teresina, 01/02/1950, p. 2).

Essa manifestação da religiosidade é caracterizada pela intimidade, porque aqueles que fazem o pedido o endereçam a um familiar, filhos, marido e amigos. O caso da graça

alcançada por Teresa Medeiros de Alencar não foi diferente. Ela diz respeito à cura da filhinha de três anos de idade que não falava e não caminhava.

Teresa Medeiros de Alencar, cheia de reconhecimento, agradece a Nossa Senhora das Graças o grande milagre da cura de sua filhinha de três anos de idade. Confiada na poderosa intercessão, misericórdia e bondade da Mãe de Deus começou a fazer incessantes novenas, pedindo-lhe fervorosamente a graça da saúde da pequena. Mesmo sem obter nenhum indicio de melhora não desanimou e no dia 11 de julho do corrente essa criança principiou a falar e a caminhar com desembaraço, causando admiração a todos que a conheciam. Envia Cr\$10, 00 para a publicação desta graça. (GRAÇAS ALCANÇADAS. Jornal O Dominical. Teresina, 17/10/1948, p. 3).

Nesse sentido, os anúncios revelaram a pessoa atendida, para quem se destinou a graça e até o sentimento de gratidão desse devoto. O que podemos notar é que os pedidos de publicação, manifestação coletiva de agradecimento, eram feitos, em sua maioria, por mulheres: “Graças alcançadas. Maria Amélia Cardoso agradece a *Nossa Senhora das Dores por sua intercessão*, e envia Cr\$5,00 para publicação” (GRAÇAS ALCANÇADAS. Jornal *O Dominical*. Teresina, 04/07/1948, p. 2. Grifo Nosso).

Entretanto, também investigamos anúncios em que padres, freiras, videntes, relíquias [objetos] e familiares assumiam papel dos santos católicos como intercessores. Assim, nesse último caso, podemos entrever que os familiares falecidos, notadamente, as crianças eram consideradas sagradas no âmbito doméstico, resguardadas dos males e protetora da casa e dos seus familiares. Por exemplo, o anúncio publicado em 1954, de Celuta Pereira (GRAÇAS ALCANÇADAS. Jornal *O Dominical*. Teresina, 10/01/1954, p. 4). Ela agradeceu a graça alcançada em benefício dos três sobrinhos, em virtude de terem passado no exame de admissão escolar. Essa graça foi pedida em intercessão da sua irmã caçula. Além disso, por meio da oração a “Magnificat” a Nossa Senhora de Fátima. Todavia, havia caso em que essa relação familiar entre santo e devoto era verificada através do nome de batismo dado ao beneficiado com a graça e o intercessor divino, demonstrando como era longínqua e íntima a aproximação: “Maria de Lurdes Eulálio, agradece à N. S. de Lurdes uma grande graça. Envia Cr\$10,00 para a publicação. Campo Maior. PI.” (GRAÇAS ALCANÇADAS. Jornal *O Dominical*. Teresina, 10/02/1952, p. 4).

Fazer pedidos aos santos de devoção é uma das atitudes do homem devoto. Dona Didita pede para sua irmã, “Francisquinha”, uma graça por intercessão a São Francisco.

Graça alcançada. Didita Marques agradece, humildemente, ao glorioso São Francisco e a Nossa Senhora das Graças, uma graça alcançada em favor de sua irmã Francisquinha. Envia Cr\$5,00 para a publicação. Teresina.”

(GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 26/06/1949, p. 2).

O nome da irmã é sugere uma devoção familiar. Geralmente, entre os devotos, as homenagens aos santos protetores podem ser o apadrinhamento e o nome dado do santo àquele que necessita da graça.

Ana Elias da Silva agradece à alma de Frei Fabiano de Cristo, uma grande graça alcançada no ano de 1942 quando se achava em grande perigo de parto. Esgotada já de forças para resistir, sentiu surgir uma grande fé que a salvou. Repentinamente a criança nasceu em ação de graça foi lhe dado o nome de Fabiana. Envia Cr\$30, 00 para publicação. (GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 07/08/1960, p. 2).

Esse apadrinhamento é uma solução de continuidade religiosa e cotidiana entre o santo e o devoto. Entre os fieis, essa proteção se estende à vida toda. Assim, essa é também uma maneira que os devotos encontraram para manter-se no dia a dia a salvo das contingências da vida. Como podemos notar no anúncio de graça alcançado de José de Ribamar (GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 18/09/1960, p. 2). Ele agradeceu Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e São José de Ribamar. Assim, pelo nome de batismo desse devoto entrevemos que a devoção iniciada provavelmente com os pais, ao dar-lhe o nome do santo São José de Ribamar, prosseguiu com ele durante a vida. Sendo, desse modo, um santo que o acompanhou na vida.

Nos anúncios de graças alcançadas publicados entre as décadas de 1960 e 1970, temos observado que além dos santos intercessores, há os santos padres e madres e pessoas falecidas, que eram da família daquele que alcançou a graça. São diversos os seres santificados. Um detalhe importante é que os fieis, além de pedirem a intercessão deles, pediam também às almas do purgatório (VOVELLE, 2010), não sem razão, essa era uma maneira de lidar com a morte e conviver com o luto.

As devoções aos santos, bem como as promessas, as procissões, novenas, festas de santos padroeiros é uma herança do Brasil Colonial que permanece até hoje entre nós. Ao proceder à análise dos anúncios de graças alcançadas, concluímos que a relação entre santo e devoto é permeada pela vertente afetiva e maternal, em que o devoto se põe sob a guarda e proteção. Assim, as vivências do homem religioso ultrapassam a Instituição religiosa. As experiências religiosas são durações “habitando” o devoto. Os anúncios de graças alcançadas fornecem narrativas de fé, traços particulares de devoção. Assim, esses testemunhos nos

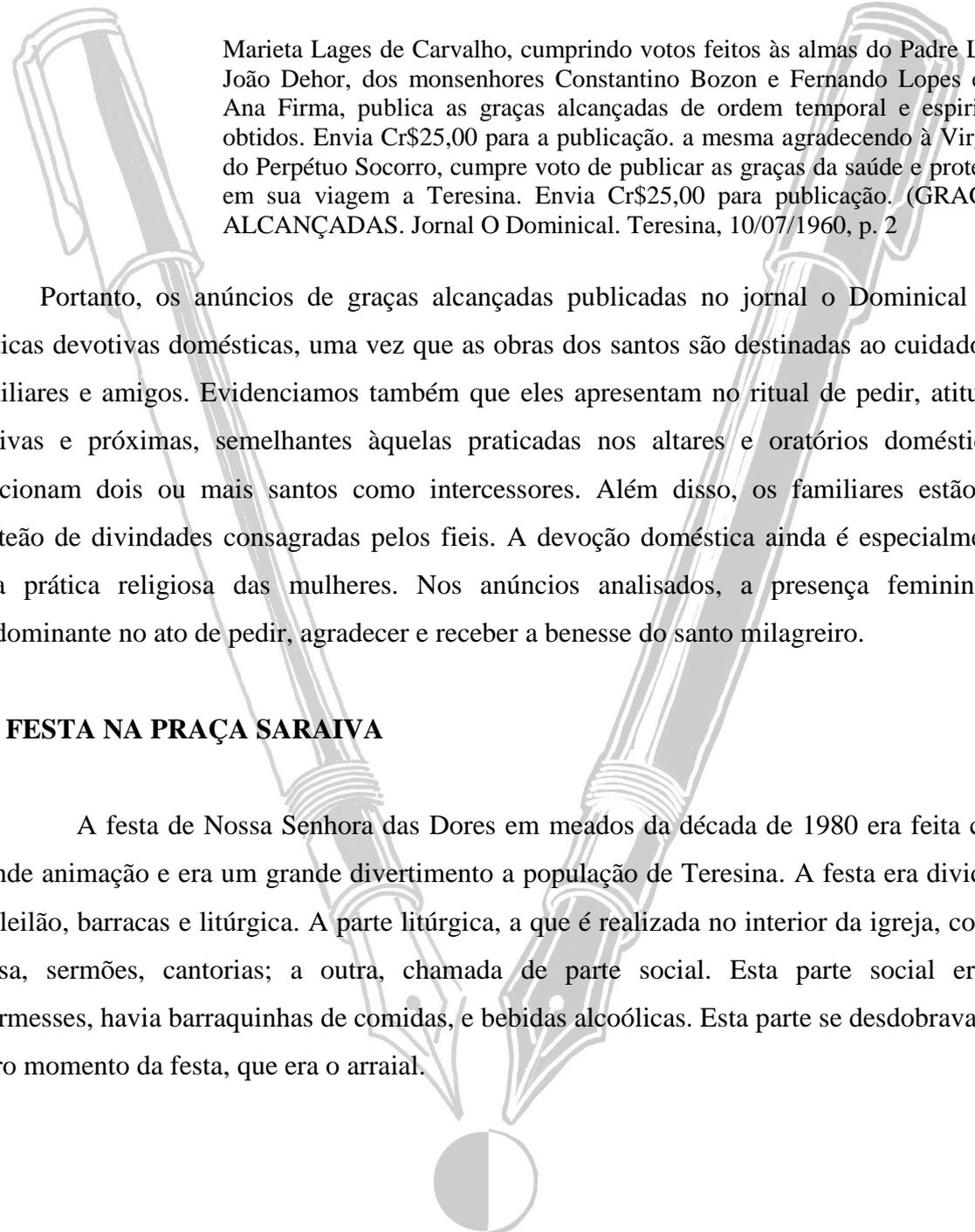
permitem ver o cruzamento entre as atitudes individuais e privadas com a cultura popular e religiosa do nordeste brasileiro.

Sobre os anúncios, muitos deles eram assinados, a maioria não esquecia a quantia para publicá-lo no jornal. As graças ofereceram pistas para desvendar as relações entre santo e devoto. Alguns anúncios eram feitos com afetividade, invocando os santos através dos diminutivos próprios dos contatos íntimos: São Francisco era “meu São Francisquinho”, São Gonçalo era aclamado por “São Gonçalinho”. Os santos não são apenas benéficos, no imaginário popular eles podiam ser vingativos e não atender às súplicas dos fieis; do mesmo modo, os devotos também podiam manifestar a sua ira e ameaças em relação aos santos ou podiam renegá-los e ainda neles descarregar infortúnios familiares. Muitas vezes, eles eram ludibriados quanto ao não pagamento da promessa feita como contrapartida do fiel.

Por outro lado, quando a graça é atendida, o devoto rende ao seu benfeitor homenagens privadas e públicas. Neste caso, os anúncios no jornal são agradecimentos públicos. As publicações de graças alcançadas são ricas em ritos, assim como de divindades intercessoras. No caso de Celuta Pereira, existem muitas pistas para entendermos a religiosidade dos piauienses. Além de identificarmos essas divindades protetoras, o rito de devoção pode combinar muitas práticas: rezas, recitação de jaculatória e o uso do terço. O anúncio de Maria Cavalcante (GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 25/09/1960, p. 2), publicado em 1960, permite-nos conhecer como ela alcançou as duas graças. Primeiro, por intermédio da jaculatória: “S. Coração de Jesus, tenho confiança em voz”. Segundo, através do responsório de S. Antônio. Terceiro, por meio da intercessão da alma de Maria da Conceição (Sãozinha).

A alma de Sãozinha foi lembrada por Anizia Melo em outro anúncio (GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 05/02/1956, p. 4). Pelo visto, essa milagreira já era conhecida entre a população, provavelmente esta denominação estava relacionada à capacidade de cura, de tornar a vida daqueles que a procuravam sã e agradável. Desse modo, a comunicação com os santos de devoção não se dá sem antes estabelecer um diálogo com eles, ocorre a partir de um rito propiciatório: uma oração, uma reza, uma prece, ou uma novena. As jaculatórias, as novenas das três Ave-Marias, as novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, o Rosário da Conceição e o responsório de Santo Antônio são ritos propiciatórios de comunicação, de aproximação, de contato, de agradecimento e súplica ao divino: “Altair G. Fortes agradece a Nossa Senhora da Conceição, através da novena pelo restabelecimento de seu pai. Envia Cr\$50, 00 para a publicação. União. Piauí (GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 09/11/1958, p. 4)”.

As divindades evocadas pelos devotos podem ser santos canonizados ou não. Além desses, aparecem em seu panteão de seres milagrosos: familiares, padres, madres e relíquias sagradas (medalhas, cruzeiros e outras), como podemos observar no anúncio mencionado abaixo:



Marieta Lages de Carvalho, cumprindo votos feitos às almas do Padre Leão João Dehor, dos monsenhores Constantino Bozon e Fernando Lopes e de Ana Firma, publica as graças alcançadas de ordem temporal e espiritual obtidos. Envia Cr\$25,00 para a publicação. a mesma agradecendo à Virgem do Perpétuo Socorro, cumpre voto de publicar as graças da saúde e proteção em sua viagem a Teresina. Envia Cr\$25,00 para publicação. (GRAÇAS ALCANÇADAS. Jornal O Dominical. Teresina, 10/07/1960, p. 2

Portanto, os anúncios de graças alcançadas publicadas no jornal O Dominical são práticas devotas domésticas, uma vez que as obras dos santos são destinadas ao cuidado de familiares e amigos. Evidenciamos também que eles apresentam no ritual de pedir, atitudes afetivas e próximas, semelhantes àquelas praticadas nos altares e oratórios domésticos, relacionam dois ou mais santos como intercessores. Além disso, os familiares estão no panteão de divindades consagradas pelos fieis. A devoção doméstica ainda é especialmente uma prática religiosa das mulheres. Nos anúncios analisados, a presença feminina é predominante no ato de pedir, agradecer e receber a benesse do santo milagreiro.

4 A FESTA NA PRAÇA SARAIVA

A festa de Nossa Senhora das Dores em meados da década de 1980 era feita com grande animação e era um grande divertimento a população de Teresina. A festa era dividida em leilão, barracas e litúrgica. A parte litúrgica, a que é realizada no interior da igreja, com a missa, sermões, cantorias; a outra, chamada de parte social. Esta parte social era a quermesses, havia barraquinhas de comidas, e bebidas alcoólicas. Esta parte se desdobrava em outro momento da festa, que era o arraial.



Figura 3: A festa de Nossa Senhora das Dores também acontece na Praça Saraiva. Nessa época, havia uma rua que a dividia. Na década de 1990, houve seu cercamento. Teresina, década de 1970. Fonte: Arquivo Público do Piauí.

Na festa do arraial havia muitas brincadeiras, roda gigante, jogos de azar, música, grupos culturais, apresentações folclóricas. A juventude e a população estavam presentes. Contudo, após a reforma da Praça Saraiva no governo Wall Ferraz⁴, foram proibidas estas festas, pois era festa do interior, e não cabia mais para uma festa do Centro de Teresina. Assim, a festa foi reduzida, sendo realizada, por um tempo, por de trás da Catedral de Nossa Senhora das Dores, na Toca de Assis⁵ que era um centro de acolhimento dos Filhos e Filhas da pobreza e dos pobres e desvalidos. O centro fechou em 2010, e funcionava a seis anos em Teresina. Atualmente, a festa de Nossa Senhora das Dores acontece na Praça Saraiva.

Os festejos eram realizados como nas grandes paróquias, constando do novenário no interior da igreja [parte litúrgica] e a outra na parte externa.

⁴ Foi vereador de Teresina nos anos 1954 e 1958, vice - prefeito em 1962. No primeiro governo de Alberto Silva [1971 e 1975] foi Secretário de Educação. Já no governo de Dirceu Arcoverde foi nomeado Prefeito de Teresina de 1975 a 1979. em 1985 é eleito, primeira votação direta após o Regime militar, prefeito de Teresina. redigiu “Folha Estudantil” [1951] e “Avante” [1952], colaborou em “Opinião” [1953]. Publicou: “A igreja e a formação do capitalismo”, “A cidade e o município” [tese]. Venceu as eleições para prefeito de Teresina em 1992, falece em 1995. Substituído por Francisco Gerardo. Cf. TITO FILHO, A. *Memorial da cidade verde*. Teresina: COMEPI, 1978; BASTOS, Cláudio de Albuquerque. *Dicionário histórico e geográfico do estado do Piauí*. Teresina: FCMC, 1994.

⁵ O Padre Roberto José Lettiere, em maio de 1994, juntamente com três outros seminaristas fundaram uma Fraternidade de Aliança Toca de Assis, esta presta acolhimento aos sofredores da rua, inspirada nos ensinamentos de São Francisco. O Centro Toca de Assis é uma fraternidade formada pelos Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, destinado também àqueles que não consagraram sua vida à religião. Disponível em <<http://tocadeassis.org.br/instituto-dos-filhas-da-pobrezar>> Acesso: 02/10/2007.

Constando de barraquinha, administrada pela paróquia [com comidas típicas] e com tolerância até para bebidas alcoólicas [só cerveja. Hoje foi proibida as bebidas alcoólicas.] e refrigerantes; a outra parte, o chamado arraial [com roda gigante, jogos de azar, e outras manifestações folclóricas e culturais, bandas de música, alvoradas, fogos de artifícios, etc.]. Nas Paróquias do Centro, nós estamos fazendo de maneira reduzida. Faz-se no pátio, para essa mudança há vários fatores: a parte social não se adequava ao centro, porque se adequava mais às festas do interior. Hoje com outros atrativos para a juventude, de acordo com o espírito da juventude, naquela época não tinha a Potycabana, na igreja fica mais as pessoas de idade, para conversarem, como se fosse um clube para eles. A proibição [a festa de Nossa Senhora das Dores passou a ser realizada no Centro Toca de Assis] foi devido a uma condição imposta pela reforma da praça no governo Wall Ferraz, não se fazer na praça esses eventos para não sujar a praça, danificá-la (MELO, 2007, s/p. 2007).

A festa reduziu seu raio de abrangência ficando restrita ao pequeno espaço da Praça Saraiva. Isso quanto ao espaço físico, porque no que se refere às relações cotidianas e as memórias dos festeiros, a festa acontece em muitos outros momentos das vidas desses festeiros. Em uma dessas ocasiões, é servido um banquete. No sentido que nele prezam a qualidade e a quantidade das comidas e o mesmo podemos dizer sobre as joias do leilão. No banquete estão dispostos muitos sabores e cheiros, fartura posta sobre a mesa, este é o “sinal que é lícito divertir-se legitimamente na gratuidade do cardápio, visto que não falta nada, noutras palavras, pois não existe urgência do lado do sofrimento e da fome” (CERTEAU, 1996, p. 134-135).

O banquete de Nossa Senhora também é servido na grande mesa de joias. A mesa é lugar de alegria, concórdia e divertimento. À mesa há valorização da beleza dos pratos, dos utensílios. Na festa a riqueza à mesa proporciona a boa festa. A mesa de joia do leilão é farta, rica em cores e sabores, nela é servida o banquete comunitário. Nela as dádivas são dispostas solenemente, pois à mesa desprezamos todos os tipos de ofensas ao sentimento, a estética dos pratos. Assim, os presentes para os leilões de Nossa Senhora são coloridos, são valorizados a estética, com o intuito de não ferir a sensibilidade do outro. “Da mesma forma que comer e beber junto, aceitar presentes significa reconhecer compromissos publicamente. Os presentes [dádivas, cortesias, generosidades] davam ensejo a novos presentes, e assim por diante” (ALTHOFF, 1998, p. 303). À mesa evitamos os assuntos desagradáveis, a tristeza e a descortesia.

Portanto, a estética das comidas, a abundância e a qualidade dos pratos são sinais de boas vindas aos festeiros. O que podemos notar que em se tratando da qualidade das comidas, o leiloeiro ressalta a feitura das comidas, os modos de preparo, os valores que envolvem a elaboração dos pratos. Porque o primeiro contato que temos com as comidas é o estético. Comemos com os olhos. Lançamos o nosso olhar sobre a mesa, sobre a disposição dos

alimentos, sobre os embrulhos em que estão. À mesa é um lugar em que se tem uma vida comum. À mesa é um lugar de “compromisso” (ALTHOFF, 1998, p. 300), de “consideração recíproca” (ALTHOFF, 1998, p. 302).

Existem comidas, pratos especiais que abrem uma brecha para a vida, para o cotidiano. O pão e o vinho são pratos de entrada da festa religiosa da Igreja das Dores, “que engendram ocasiões, em que às relações sociais devem ser saboreadas e prazerosamente desfrutadas como as comidas que elas estão celebrando” (DAMATTA, 1998, p. 54). A festa da igreja das Dores é a comida partilhada na comunidade, o festeiro comunga da sagrada comida. Na festa, o fruto do trabalho, o pão, é comido. Comemos e bebemos aquilo que, quando crianças, as mães ensinaram a comer, comem-se, então, lembranças: pela mão os primeiros passos são guiados por caminhos e sabores que foram sentidos e cuja paisagem já fora vista, ou seja, as comidas oferecidas nas barracas da festa de N. S. das Dores são comidas que se serve em casa. Portanto, o que se come e o que se bebe são memórias, que constituirão a base, o pão, da vida dos festeiros de forma que continuarão a festa, por meio da participação de antigos gestos mesmo que com outros passos de filhos ou netos.

Tanto quanto os outros alimentos da vida material, a alimentação não se apresenta ao homem in natura. Mesmo cru e colhido diretamente da árvore, o fruto já é um alimento culturalizado[o gosto é alimentado pelo imaginário], antes de qualquer preparação e pelo simples fato de ser tido como comestível (CERTEAU, 1996, p. 232).

O que comemos em casa degustamos na festa de Nossa Senhora das Dores, a casa intercambia relações com a Praça Saraiva, portanto, com a rua. “Além das lembranças de família, comemos História e valor cultural” (VISSER, 1998, p. 30). A refeição é a combinação de múltiplos sedimentos de gostos e gestos. De acordo com Senhora Odiléia (LIBÓRIO, 2007, s/p), nascida em José de Freitas em 1921 e moradora da paróquia de Nossa Senhora das Dores, a Rua Olavo Bilac, desde 1936, a comida que é ofertada às barracas e aos leilões são de casa, são os vínculos mantidos na preparação e representam a recepção da casa dos festeiros: “eu levo a comida [para a festa de N. S. das Dores] que meus filhos adoram” (LIBÓRIO, 2007, s/p). Em meio às receitas e cardápios da casa da Senhora Odiléia, intercalam-se referências familiares e participação de seus filhos também na festa: as netas que participam do coral. “Nossas atitudes em relação às comidas são normalmente aprendidas cedo e bem, e são, em geral, inculcadas por adultos afetivamente poderosos, o que confere ao nosso comportamento um poder sentimental duradouro” (MINTZ, 2001, p. 31).

A festa de Nossa Senhora das Dores é atravessada por muitas temporalidades e sentidos. As relações simbólicas estabelecidas por meio do comer em festa proporcionam o acolhimento necessário para que os festeiros sintam-se pertencentes a festa bem como familiarizados com as outras pessoas. As barracas de comidas são bastante apreciadas. Os festeiros se deliciam com vários tipos de comidas, e estas são vínculos sociais que permanecem na memória bem como são trabalhados por ela, no paladar, nas relações sociais. As comidas mais que nutrir e fortalecer o corpo cria vínculos afetivos (SOUZA, 2011, s/p).

A participação de Senhora Odiléia, por meio dos sabores e cheiros, influenciou a continuação do vínculo da sua família com a festa da santa das Dores, “[...] porque um gosto adquirido raramente se perde e os gostos e cheiros que conhecemos no passado fazem-nos lembrar, como nada mais poderia, os acontecimentos a eles relacionados” (VISSER, 1998, p. 39). A festa das Dores mantém-se também pela memória de fiéis, pelos sabores à mesa familiar dos tempos da infância.

A gente manda tudo que tem em casa, a gente carrega tudo de casa: frutas, caju, quando está no tempo dá muito caju e muita manga também, quando está no seu tempo. Mas o galetto assado é o que dá mais nos leilões. Mas o que sei fazer mesmo é creme de galinha. Olha aqueles são meus filhos, o do meio, que está sentado naquela cadeirinha, ele é seminarista, ele lê orações lá na frente, próximo à N. S. das Dores [...]. É aquela que está com o laço na cabeça é afilhada da das Dores, é a Maria do Socorro. Você viu aquelas gêmeas que participam do coral? Elas são as filhas da Maria do Socorro, ajudam também nas festas de N. S. das Dores. Todos os dias, durante os festejos, estou de pé firme, participo, brigo. Lá é o recreio [as festas da Igreja das Dores] (LIBÓRIO, 2007, s/p).

As barracas e os leilões oferecem momentos de hospitalidade. As comidas comercializadas nas barracas de Nossa Senhora são feitas nas casas da comunidade. “Aquele trabalho culinário que parece sem mistério nem grandeza, eis que se desenrola numa montagem complexa de coisas a fazer, segundo uma sequência cronológica predeterminada: prever, organizar e abastecer-se; preparar e servir; descartar, arrumar, conservar e limpar” (CERTEAU, 1996, p. 134). Há cinco barracas, dispostas uma do lado da outra, elas são cedidas pela Prefeitura de Teresina. Nesses espaços, há comercialização de comidas, tais como paçoca, mingau de milho, creme de galinha, arrumadinho. Não há venda de bebidas alcoólicas, mas de refrigerantes, água, cajuína, sorvetes. Há uma barraca que vende as fichas para aquisição das comidas e bebidas. Depois que se adquire a ficha, nos dirigimos até outra barraca e a trocamos por a comida de nossa escolha. A paçoca é muito apreciada, bem como o

creme de galinha. Como estamos no início da temporada de muito calor em Teresina, o chamado de b.r.o- bró, os refrigerantes também são muito requisitados.

Os leilões são sistema de trocas simbólicas. Uma grande mesa é posta na Praça Saraiva, nela são dispostas comidas-, frutas, pratos doces, assados, cozinhados, massas, tortas, bebidas. Contudo, este sistema de troca cabe uma ressalva. A troca é a satisfação do próprio interesse. Todavia, a troca entendida como reciprocidade, procura a satisfação do outro. Para que ocorra a reciprocidade é preciso que nesta relação de troca tenha a dádiva, a obrigação de retribuir, o prestígio e a presença do terceiro, que é o mana ou símbolo, um vínculo de almas, isto é, “[...] a força de ser do doador que acompanha o bem dado e que, onde quer que esse vá, terá que voltar” (SABOURIN, 2008, p. 134). A troca de dádivas é entendida como uma forma de relação econômica, mas, sobretudo, social. Uma vez que as coisas “[...] ainda possuem valor sentimental além de seu valor venal, se é que há valores que sejam apenas desse gênero” (MAUSS, 2003, p. 294).

Assim, vimos que as festas religiosas faziam parte das sociabilidades e da religiosidade dos teresinenses. A devoção aos santos católicos e não canonizados também era uma maneira de viver a religiosidade, que podia ocorrer na Igreja de Nossa Senhora das Dores, no âmbito da vida privada e também na Praça Saraiva. Este espaço de múltiplas sociabilidades merece um estudo sério acerca de usos e consumos, o que vem ocorrendo desde 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

Referências bibliográficas

ABREU, Jean Luiz Neves. *O imaginário do milagre e a religiosidade popular. Um estudo sobre a prática votiva nas Minas do século XVIII*. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 2001. Orientação de Adriana Romeiro. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/VCSA-8RBF4A/1/jean_luiz_neves_abreu.pdf> Acesso em 06/04/2012.

ALCÂNTARA, Ailton S. de. *Paulistinhas: imagens sacras, singelas e singulares*. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista – UNESP, São Paulo- SP, 2008. Orientação de Percibal Tirapele. Disponível em <<http://www.ia.unesp.br/Home/Pos-graduacao/Stricto-Artes/ailtonalcantara.pdf>> Acesso em 11/08/2015.

ALGRANTI, Leila. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, Laura de Mello (org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*, v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ALTHOFF, Gerd. O banquete é uma ocasião para comer e beber junto. In: MONTANARI, Massimo; FLANDRIN, Jean-Louis [orgs.]. *História da Alimentação*. Tradução de Luciano Vieira Machado, Guilherme J. F. Teixeral. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Lucy; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter “Anthropological blues”. In: NUNES, Edson de oliveira [Org.]. *A aventura sociológica [Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social]*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Os andarilhos do bem: feitiçarias e culto agrários nos séculos XVI e XVII*. Tradução de Jônatas Batista Neto. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. *Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia; prefácio de Sir James George Frazer; tradução de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça; revisão técnica de Eunice Ribeiro Durham*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, Marcel. *Introdução*. Da dádiva e, em particular, da obrigação de retribuir os presentes. In: Sociologia e antropologia. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MINTZ, Sidney W. Comida e antropologia: uma breve revisão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, 2001 v. 16, n. 47.

NOSSA SENHORA. Disponível em <http://www.nossasenhoradasdores.org.br/HistNossaDores.aspx> Acesso em 27/5/2012.

SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, 2008, v. 23, n. 66.

SILVA, Lucília Maria Oliveira. *Pedir, prometer e pagar: escrita, imagens e objetos dosromeiros de Canindé*. Dissertação (Mestrado em História Social)- Universidade Federal do Ceará - UFCE. Fortaleza, 2007. Orientação de Francisco Régis Lopes Ramos.

SOUZA, Francisca Márcia Costa de. *Caminhantes-devotos: a celebração em louvor a Nossa Senhora das Dores e outras sociabilidades (Teresina-PI, segunda metade do século XX aos dias atuais do século XXI)*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Federal do Piauí - UFPI. Teresina – PI, 2012. Orientação Áurea da Paz Pinheiro.

TITO FILHO, A. *Memorial da cidade verde*. Teresina: COMEPI, 1978; BASTOS, Cláudio de Albuquerque. *Dicionário histórico e geográfico do estado do Piauí*. Teresina: FCMC, 1994.

TOCA DE ASSIS. Disponível em <http://tocadeassis.org.br/instituto-dos-filhas-da-pobrezar> Acesso: 02/10/2007.

VISSER, Margaret. *O ritual do jantar: as origens, evolução, excentricidades e significado das boas maneiras à maneira*. Tradução Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

VOVELLE, Michel. *As almas do purgatório ou o trabalho de luto*. Tradução de Aline Meyer e Roberto Cattani. São Paulo: UNESP, 2010.

_____. Os ex-votos do território marselhês. In: *Imagens e imaginário na História: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. Tradução de Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1997.

Fontes

Diário de Campo

SOUZA, Francisca Márcia Costa de Souza. Festa de Nossa Senhora das Dores. *Diário De Campo V*. Teresina, 2011.

Hemerográficas

A PROCISSÃO DA QUINTA-FEIRA. *O Piauí*. Teresina, 21/06/1930.
 AVISOS. Governo Diocesano. Aviso n. 63. *Diário Oficial*. Teresina, 27/01/1933.
 AVISOS. Governo Diocesano. Carta Circular n. 24. *O Piauí*. Teresina, 03/12/1930.
 FESTA DE NOSSA SENHORA DAS DORES. *Diário Oficial* Teresina, 04/09/1941.
 FESTA DE NOSSA SENHORA DAS DORES. *Diário Oficial*. Teresina, 04/09/1935.
 FESTA DE NOSSA SENHORA DAS DORES. *O Dominical*. Teresina, 18/09/1949.
 FESTA DO AMPARO. *O Piauí*. Teresina, 31/05/1930.
 GOVERNO DIOCESANO. Carta Circular n. 19. Sobre as obras da Catedral. *O Piauí*. Teresina, 11/05/1930.
 GOVERNO DIOCESANO. Circular n. 22. *O Piauí*. Teresina, 10/06/1930.
 GRAÇA ALCANÇADA. *Jornal O Dominical*. Teresina, 22/03/1948.
 GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 01/02/1950.
 GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 04/07/1948.
 GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 05/02/1956.
 GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 07/08/1960.
 GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 07/09/1949.
 GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 09/01/1948.
 GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 09/11/1958.
 GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 10/01/1954.
 GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 10/02/1952.
 GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 10/04/1949.
 GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 10/07/1960.
 GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 17/10/1948.
 GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 18/09/1960.
 GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 25/09/1960.
 GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 26/06/1949.
 GRAÇAS ALCANÇADAS. *Jornal O Dominical*. Teresina, 31/10/1948.
 SEMANA SANTA. *Diário Oficial*. Teresina, 26/03/1931.

Entrevistas

LIBÓRIO, Odileia Lages. Entrevista concedida à Francisca Márcia Costa de Souza. Teresina, Piauí, out., 2007.

MELO, Luís Soares. Entrevista à Francisca Márcia Costa de Souza. Teresina, Piauí, set., 2007.